

**COMUNIDADES DE TERREIRO/POVOS E COMUNIDADES DE MATRIZ
AFRICANA: Reflexões Psicanalíticas sobre Religião e Intolerância Religiosa¹**

Larissa Costa do Nascimento²

Caroline Gonzaga Torres³

RESUMO

Este estudo aborda a intolerância religiosa no Brasil contra comunidades afro-brasileiras, destacando como o cristianismo, enquanto discurso dominante, estrutura padrões de aceitação e exclusão que perpetuam a violência simbólica e física. Com embasamento em Freud e Lacan, o artigo explora os mecanismos psicanalíticos que sustentam essa hierarquia, analisando o "narcisismo das pequenas diferenças" e o poder unificador da religião cristã sobre o imaginário social. Utilizando uma metodologia qualitativa e revisão bibliográfica, o estudo identifica os fatores históricos e discursivos que legitimam a marginalização das religiões de matriz africana. Conclui-se que transformar essa realidade exige a desconstrução de discursos hegemônicos e o fortalecimento de um ambiente de respeito à diversidade religiosa, sugerindo para estudos futuros a investigação de práticas que promovam o combate à intolerância.

Palavras-chave: Comunidades de terreiro. Povos de matriz africana. Religião. Intolerância Religiosa. Psicanálise.

1. INTRODUÇÃO

A intolerância religiosa no Brasil manifesta-se principalmente contra as comunidades de terreiro e os povos de matriz africana, cujas práticas culturais e espirituais são frequentemente marginalizadas. Esse fenômeno reflete uma hierarquia de crenças, onde o cristianismo, como discurso dominante, estabelece padrões de aceitação e exclusão. A pesquisa, sob uma perspectiva psicanalítica, investiga as raízes e os impactos sociais dessa intolerância. Freud explora como pequenos contrastes entre grupos podem fundamentar a segregação e alimentar a agressividade, uma vez que a necessidade de coesão interna gera a rejeição ao que é considerado diferente (Freud, 1930/2010; 1921/2011).

Ao lado de Freud, Lacan também contribui para a compreensão do poder da religião sobre a sociedade. Em *O Triunfo da Religião*, ele destaca a capacidade única do discurso religioso cristão de dominar o imaginário coletivo e impor normas, o que explica, em parte, a exclusão das religiões afro-brasileiras no Brasil (Lacan, 2005). Esse trabalho busca, portanto, compreender como a intolerância religiosa e a opressão das comunidades de terreiro são

¹ Artigo proveniente do curso de Psicologia para o XVII Encontro Científico da UNDB.

² Aluna do 7º período noturno de Psicologia, Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, e-mail: 002-024887@aluno.undb.edu.br.

³ Professora orientadora. Mestra. Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, e-mail: caroline.torres@undb.edu.br.

impulsionadas por mecanismos religiosos de dominação, revelando uma estrutura social que perpetua o preconceito, a exclusão e a violência simbólica e física. Esta contribuição possui as seguintes divisões: capítulo 2 são os objetivos gerais e específicos deste estudo, capítulo 3 se trata da metodologia utilizada nesta atribuição, capítulo 4 são os resultados desta pesquisa e as conclusões estão presentes no capítulo 5.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

2.1.1. Investigar concepções sobre religião e intolerância religiosas contra comunidades de terreiro e povos matriz africana no Brasil a partir de uma perspectiva psicanalítica.

2.2 Específicos

2.2.1 Analisar como os mecanismos psicanalíticos de formação de grupos descritos por Freud contribuem para a intolerância religiosa contra comunidades de matriz africana no Brasil.

2.2.2 Refletir sobre a violência histórica enfrentada pelos povos de matriz africana no Brasil e sua relação com a exclusão religiosa e social desses grupos.

2.2.3 Entender o papel do discurso religioso cristão na manutenção e legitimação da hierarquia e marginalização das religiões afro-brasileiras.

3. METODOLOGIA

Este estudo, de natureza básica e exploratória, adota uma abordagem qualitativa para investigar o fenômeno da intolerância religiosa direcionada a povos de terreiro e comunidades de matriz africana. A pesquisa envolveu uma ampla revisão de artigos científicos, livros, periódicos e notícias em bases como Google Acadêmico, Scielo, bibliotecas digitais e portais de notícias. A coleta de dados foi direcionada por termos como “psicanálise”, “religião”, “intolerância religiosa”, “triunfo da religião” e “pensamento Freudiano”. Como critério, foram selecionados estudos que abordam as relações entre religião, intolerância e pensamento Freudiano, focando nas comunidades de terreiro. Os dados coletados foram codificados, categorizados e analisados para identificar padrões e relações, sendo interpretados conforme o pensamento psicanalítico e comparados a outros estudos para assegurar a confiabilidade e embasar as conclusões.

4. RESULTADOS

Freud (1930/2010, 1913/2012) analisa o papel da religião na sociedade, afirmando que o progresso civilizatório não é uma trajetória linear de emancipação e satisfação. Ele destaca que viver em sociedade exige condições afetivas e psicológicas específicas, impondo um alto custo: a limitação dos desejos individuais. Assim, a religião tem um papel essencial na redução do sofrimento associado à vida civilizada. Para Freud, o sofrimento humano decorre não apenas dos desafios naturais, mas também das interações sociais, que demandam o recalque e a inibição de várias pulsões, tanto libidinais quanto destrutivas, para manter o convívio harmonioso.

O esforço civilizatório é significativo e requer compensações que o sustentem. Ao abrir mão de algumas satisfações pulsionais em troca de maior sobrevivência, conforto e segurança, busca-se alternativas para a felicidade. A colaboração entre indivíduos implica a formação de uma ligação libidinal que os una em prol de objetivos comuns (Freud, 1930/2010). Sem essa conexão, as pessoas estariam unidas apenas por interesses imediatos. Assim, Freud destaca a importância da religião, tanto em seu tempo quanto nos primórdios da civilização, como um elemento fundamental para promover essa união. Assim, podemos observar que a religião desempenha uma dupla função subjetiva para os integrantes de uma sociedade: ela compensa a felicidade sacrificada devido à insatisfação das nossas pulsões e nos conecta subjetivamente por meio do compartilhamento de ideias e afetos.

Freud (1921/2011d), em *Psicologia das massas e análise do eu*, discute como a identificação coletiva em grupos pode fomentar práticas de intolerância, especialmente quando a unidade do grupo é ameaçada. O medo da desintegração provoca impulsos hostis em relação a outros. Ideais rígidos intensificam os esforços para mantê-los, já que a identidade dos membros está atrelada a esses valores. A ameaça a esses ideais é percebida como uma ameaça pessoal. Para fortalecer os vínculos internos, os grupos projetam sentimentos de ódio em pessoas externas, transferindo conflitos internos, que se tornam mais difíceis de controlar em momentos de crise. A religião, como recurso simbólico e unificador, exemplifica essa dinâmica, manifestando-se em eventos históricos e conflitos atuais (Freud, 1921/2011d).

Freud demonstra como as religiões podem unir grupos em torno de um objetivo comum, mas também revela que essa prática coletiva pode fomentar a intolerância contra crenças que não se ajustam ao padrão dominante. Isso é especialmente evidente no Brasil, onde

religiões de base cristã exercem grande influência, dominando diversos âmbitos sociais, como a educação e até a política. O conflito entre o cristianismo e as crenças e costumes das comunidades de terreiro e povos de matriz africanas segue gerando, em alguns núcleos, ações intolerantes, violência material e simbólica, que remontam aos tempos de colonização (Franco, 2021, p. 31).

Os Povos Tradicionais de Matriz Africana têm uma história de resistência desde a diáspora e a escravização, preservando e reinventando suas tradições e identidades. Embora não sejam homogêneos, os Bantu, Fon e Yorubá são as três principais matrizes no Brasil, com diferenças linguísticas, geográficas e culturais. Seus espaços sagrados, conhecidos como “terreiros” ou “roças”, são locais de práticas simbólicas que fortalecem o pertencimento e a conexão com a ancestralidade. Organizados em torno de representações litúrgicas, esses territórios servem como locais de resistência e preservação de identidades, onde conhecimentos e valores são transmitidos (Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2022, p. 8-11).

Em novembro de 2022, durante o mês da Consciência Negra, a Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras apresentou à ONU, em Genebra, um levantamento sobre racismo religioso no Brasil, que incluiu 255 terreiros. A pesquisa revelou que quase metade sofreu até cinco ataques nos últimos dois anos, e 78% dos entrevistados relataram violência por racismo religioso em terreiros e locais públicos (Jornal Nacional, 2022).

Um caso notável envolveu a Casa Fanti Ashanti, um terreiro de Candomblé em São Luís (MA), que denunciou ataques de fundamentalistas evangélicos em 24 de abril, quando foram alvo de insultos enquanto organizavam uma festa para Ogum. Fundada em 1954 e liderada por Mãe Kabeca de Xangô, a Casa é de grande importância histórica e cultural. Os ataques são frequentes, especialmente contra Mãe Kabeca, que é chamada de "macumbeira". Em um incidente semelhante, a Polícia Militar removeu um grupo de Tambor de Crioula da Feira das Tulhas, em São Luís (Castro, 2022).

Nascimento (2017, citado em Pereira, Santos e Oletto, 2023, p. 4) argumenta que as religiões de matriz afro-brasileira são subalternizadas e inferiorizadas por não se alinharem ao eurocentrismo da cristandade, o que promove um processo de exclusão que busca eliminar o "outro" da convivência social, punindo e submetendo essas crenças aos valores dominantes. Esse contexto de intolerância religiosa reflete os contrastes entre a fé cristã e as religiões afro-brasileiras, evidenciado pela centralidade e monumentalidade ocupadas por instituições cristãs

em oposição à rejeição dos terreiros a áreas discretas ou periféricas, onde corpos marginalizados encontram acolhimento (Nascimento; Costa, 2019, citados em Pereira, Santos e Oleto, 2023, p. 2). A colonialidade reforça essa hierarquia ao posicionar o Cristianismo católico, oficialmente legitimado, como superior, enquanto exotiza, marginaliza e demoniza as religiões de matriz afro-brasileira, ainda hoje legitimando a perseguição e a violência sob um pretexto “divino” (Lundell, 2020; Nascimento, 2017, citados em Pereira, Santos e Oleto, 2023, p. 2).

Fuks (2007, p. 61) explora a noção do “*narcisismo das pequenas diferenças*”, termo cunhado por Freud para falar sobre a intolerância em seu contexto, marcado por discursos totalitários, em particular, em um período histórico no qual certo grupo se via como “escolhido por Deus”, discurso empregado em uma das maiores atrocidades do século XX: o Nazismo, que, de forma brutal, mostrou como a intolerância religiosa pode ser direcionada a minorias religiosas, expondo as consequências devastadoras.

Freud explica que o “*narcisismo das pequenas diferenças*” fundamenta a construção do “eu”, do “nós” e do “outro”, na delimitação que protege o narcisismo da unidade. Levado ao extremo, esse fenômeno gera segregação e racismo, expressões máximas de intolerância ao “outro” e aceitação do “mesmo”. Em um Estado laico, Freud observa uma estrutura “religiosa” que, guiada pelo ódio, promove uma tolerância máxima entre indivíduos considerados idênticos e uma intolerância absoluta ao diferente. Referindo-se ao povo judeu, Freud exemplifica como nazistas os reprimiam ao serem percebidos como ameaça à supremacia. Ele desenvolve a ideia de intolerância ao “outro” como um meio de garantir a coesão do “mesmo”, buscando eliminar tudo que desafia a proeminência do idêntico. Esse ódio ao “outro”, que Freud analisa usando a metáfora do Judeu, faz uso do conceito de “*narcisismo das pequenas diferenças*”. A segregação reside, então, na agressão do sujeito frente a uma pequena diferença que o angustia — uma “diferença ex-tima: o horror ao que é mais íntimo e que, tomado pelo eu como um objeto externo, constitui-se em objeto do ódio na segregação e no extermínio” (Fuks, 2007, p. 65-66).

Sob a ótica de Lacan (1966/1998a), o discurso religioso é um discurso da causa final, exercendo uma forte influência subjetiva sobre o indivíduo, onde a crença orienta ações e o sentido da vida. Lacan (1992) observa que os discursos políticos, assim como os religiosos, possuem um caráter totalizante que busca transmitir completude e satisfação. Discursos religiosos que favorecem uma fé em detrimento de outras podem intensificar o racismo e as

violências enfrentadas por comunidades tradicionais. Essa exaltação da religião dominante evidencia como a intolerância religiosa no Brasil é legitimada e institucionalizada, principalmente em práticas litúrgicas de diversas vertentes do cristianismo, justificando ataques às religiões afro-brasileiras (Pereira; Santos; Oletto, 2023, p. 12).

Assim, a ascensão da religião cristã como força discursiva dominante no Brasil cria uma estrutura de poder que define e normatiza o 'outro', reforçando práticas de exclusão contra religiões afro-brasileiras. Lacan em *“O Triunfo da Religião” precedido de “Discurso aos católicos”* (2005), ao ser perguntado se a religião triunfará, responde que “Sim. Não triunfará apenas sobre a psicanálise, triunfará sobre muitas outras coisas também. É inclusive impossível imaginar quão poderosa é a religião” Ao ser questionado sobre qual religião triunfaria em termos de dominação, Lacan (2005, p. 67) afirma que é a religião cristã. Ele explica que essa religião possui uma capacidade única de gerar sentido, ao ponto de "afogar" as pessoas em sua estrutura de crenças. Segundo Lacan, seu triunfo é inevitável, pois dispõe de vastos recursos e esquemas minuciosamente preparados para assegurar seu poder e influência.

Portanto, é preciso reconhecer que as religiões dominantes no país consolidaram seu poder, definindo quais crenças são aceitas e quais são marginalizadas, influenciando a política, a mídia e a sociedade. Em nome de Deus, seu discurso impõe o que é "ideal", promovendo uma intolerância enraizada que molda valores, alimenta preconceitos e viola os direitos das comunidades de terreiro e dos povos de matriz africana.

5. CONCLUSÃO

Este estudo aprofunda a compreensão dos desafios enfrentados pelas comunidades de matriz africana no Brasil, que sofrem com a intolerância religiosa sob a influência histórica do cristianismo como discurso dominante. A análise psicanalítica revela que mecanismos como o "narcisismo das pequenas diferenças" (Freud) e a capacidade coesiva do discurso religioso (Lacan) impulsionam e sustentam a exclusão dessas comunidades. Observa-se que a legitimação dessa intolerância reside em um poder simbólico e social que naturaliza a marginalização de religiões afro-brasileiras, resultando em uma contínua violência simbólica e física. O reconhecimento e o respeito pela diversidade religiosa são essenciais para combater o preconceito e a violência. Para estudos futuros, sugere-se a investigação de estratégias de prevenção à intolerância religiosa, com foco na transformação de discursos religiosos dominantes em abordagens que promovam o respeito e a inclusão.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Cartilha dos povos de matriz africana: religião e direitos**. Porto Alegre: ALRS, 2022.

CASTRO, Mariana. RACISMO religioso: Casa de candomblé é atacada no Maranhão. **Brasil de Fato**, 3 maio 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/05/03/racismo-religioso-casa-de-candomble-e-atacada-no-maranhao>>. Acesso em: 28 out. 2024.

FRANCO, Gilciana Paulo. As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência. **Sacrilegens**, v. 18, n. 1, p. 30-46, 2021.

FREUD, Sigmund. (2010). O mal-estar na civilização. **In Obras completas de Sigmund Freud (P. C. L. Souza, Trad., Vol.18, pp.13-123)**. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)

FREUD, Sigmund. (2012). Totem e Tabu. **In Obras completas de Sigmund Freud (P. C. L. Souza, Trad., Vol.11, pp.14-244)**. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e a análise do eu. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, 2011. (Trabalho original publicado em 1921)

FUKS, Betty Bernardo. O pensamento freudiano sobre a intolerância. **Psicologia clínica**, v. 19, p. 59-73, 2007.

LACAN, Jacques. (1998a). A ciência e a verdade. **In Escritos (V. Ribeiro, Trad., pp.869-892)**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)

LACAN, Jacques. (1992). **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise, 1969-1970**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

LACAN, Jacques. (2005). **O triunfo da religião precedido de discurso aos católicos**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)

PEREIRA, Jefferson Rodrigues; SANTOS, JOSÉ VITOR PALHARES DOS; OLETO, ALICE DE FREITAS. “Eu respeito seu amém, você respeita meu axé?”: um estudo etnográfico sobre terreiros de candomblé como organizações de resistência à luz de um olhar decolonial. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 21, n. 4, p. e2022-0149, 2023.

QUASE metade dos terreiros do país registrou até cinco ataques nos últimos dois anos, mostra pesquisa. **G1 - Jornal Nacional**, 15 nov. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/11/15/quase-metade-dos-terreiros-do-pais-registrou-ate-cinco-ataques-nos-ultimos-dois-anos-mostra-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 28 out. 2024.



XVII ENCONTRO CIENTÍFICO DA UNDB
COMUNIDADES TRADICIONAIS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
(XVII EC 2024)